

O autor propõe-se acentuar o aperfeiçoamento que se opera na pessoa a partir do contato com a Eucaristia. A exposição inicial, sobre a evolução do conceito de pessoa, culmina na distinção entre pessoa e personalidade. "Personalidade é a maturação da pessoa através de práticas atinentes". Quanto à pessoa humana, sua dignidade decorre do poder criativo de Deus que nela infundiu sua imagem e semelhança divinas, segundo a natureza humana de Cristo, criatura primigênia. Por isso, a pessoa, "um valor em si e por si", nascida para a imortalidade, "foi destinada a ser filho e filha de Deus" pela associação a Cristo, que pela ressurreição nos mereceu a felicidade eterna. Em seguida, afirma-se que na Eucaristia "assimilamos Cristo" e "nos assemelhamos a Ele cada vez mais", configurando-nos a Ele na caridade. Sendo peregrinos, "não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir". Alcançá-la-emos através da *fractio panis*. A Eucaristia, "perpetuação do Sacrifício da cruz", leva-nos "à grande comunhão com o Crucificado", já que "pelo Cristo na Eucaristia, as nossas tribulações completam o que falta a sua paixão", isto é, a Eucaristia nos leva a assumir subjetivamente a redenção realizada. A comunhão entre os que dela participam e que contagia a sociedade é exigência da Eucaristia e é também o contexto necessário à sua compreensão.

Abstract: The author intends to stress the moral and spiritual improvement in those who receive Holy Communion. To begin with, a distinction has to be made between person and personality. "Personality results from the maturation of the person by means of pertinent actions". As for the person himself, human dignity derives from the power of the Creator in whose image and likeness man is made after the resemblance of Christ's human nature, since he is the "firstborn of all creation". Thus a person has to be valued by himself and for himself, born to become immortal and destined to be God's son and daughter by association with Christ whose work of redemption is meritorious for our eternal happiness. Furthermore, by the Eucharist we are assimilated by Christ and resemble him gradually through the gift of divine love. Since we are pilgrims on earth we have no permanent stay but we are looking forward to what will be. It will be achieved by sharing consecrated bread in the Eucharist, which symbolizes the sacrifice of Christ on the cross and was offered on behalf of humankind. It is up to us to fulfill subjectively in human life what is amiss in Christ's redemption to be applied to us, a task in which all of us are engaged in so as to obtain God's grace by sharing in the sacrament of the Eucharist.

A Eucaristia e a pessoa humana

*Dom Eusébio Oscar Scheid**

* O Autor, Doutor em Teologia, é Cardeal Arcebispo de São Sebastião do Rio de Janeiro.



Premissa

Esta colocação é uma palestra – viva e envolvente – para tantos amigos e amigas, neste grande Simpósio Teológico do 15º CEN, em Florianópolis. Perdoem o modo coloquial da exposição e as argumentações, por vezes, apenas insinuadas. Cabe a cada um a conclusão.

Introdução

Assumo esta cátedra com muita alegria e muita saudade, dado que Deus me deu a graça de poder ser professor, durante vinte anos de minha vida sacerdotal. Não sempre com um auditório tão variado, seletivo e primoroso como este, mas com alunos que só me deram alegrias. Não tive um desgosto, no período em que Deus me deu a graça de ser professor de teologia, especificamente dogmática, ou sistemática, como se diz hoje.

Saúdo cordialmente Dom Murilo, benemérito organizador deste admirável 15º CEN e devotado anfitrião. Saúdo com muita simpatia e amizade o nosso querido Núncio, Dom Lorenzo Baldisseri. Saúdo também Dom Luciano Mendes de Almeida, carioca genuíno, e Arcebispo de Mariana, nas Alterosas. Saúdo, na pessoa destes Excelentíssimos senhores Arcebispos e Bispos, os demais bispos, eventualmente aqui presentes. Quero saudar com muito carinho também a *Comissão Pontifícia*, composta de dois queridos amigos, que são quase como guarda-costas espirituais, o Mons. Francisco de Sales Bianchini e o Pe. Alvino Introvini Milani. Saúdo também o Revmo. Pe. Vilmar, que já na preparação da vinda do Papa, em outubro de 91, foi nosso Secretário Executivo e agora voltou a ser Secretário Geral deste Congresso. Trabalha com denodo e um amor muito grande. A minha saudação ainda ao Pe. Vitor Feller, teólogo dos melhores do Brasil e, além de ser professor no ITESC, Instituto Teológico de Santa Catarina, também foi Coordenador Arquidiocesano de Pastoral, no tempo em que tive a alegria de ser Arcebispo em Florianópolis, alegria que perdura agora nas lembranças e no desejo de que a Arquidiocese vá cada vez melhor.

Saúdo todas as delegações de teólogos e teólogas e também os que, talvez, não se classifiquem com esse título, mas, realmente fazem teologia, no momento em que aprofundam a ciência da sua fé. De fato, Teologia é a exposição científica da fé *que professamos*, não a de uma fé hipotética. “Teologia se faz de joelhos”, como dizia Sto. Tomás de Aquino.



Temática

O tema que me foi proposto, e que eu aceitei com alegria, é o tema da pessoa humana, aperfeiçoada pela própria ação da Eucaristia nas suas várias dimensões: física, espiritual, até mística. Eu diria que o marco referencial da minha exposição é a transformação da pessoa humana, através da Eucaristia. Não acentuo a pessoa humana, a não ser de passagem. O que me interessa mesmo é acentuar a mudança que se opera na pessoa ou, melhor, o aperfeiçoamento já eternamente previsto por Deus, para a pessoa humana, dado o contato que teria a seu tempo e no tempo, quando fosse colocada em contacto com o Redentor, com todo o seu mistério e assim também com o mistério da própria Eucaristia. Isto estava no plano de Deus, evidentemente, como sabemos.

Suponho, para a minha exposição, conhecida por todos a teologia da Eucaristia. Eu o suponho. É preliminar saber pelo menos os rudimentos dessa doutrina teológica. Eu diria com Santo Tomás no “*Lauda Sion*”: *Quantum potes, tantum aude, quia maior omni laude, nec laudare sufficis*. Lindíssimo! Quanto possas, tanto ouses, porque, por mais que o faças, não conseguirás louvar, louvar como deverias! Faça, ouse, mas não chegará ao termo do que deveria fazer.

Síntese

Inicialmente, um pouco sobre a *terminologia*; depois, a *pessoa em si*; finalmente, a *transformação da pessoa*, que é o ponto onde quero chegar e onde irei concluir.

Terminologia

Quanto à terminologia de “pessoa”, sabemos que já para os etruscos, nas cercanias de Roma, *persona* era um expediente ritual – como máscara – que se usava nas celebrações, diríamos, religiosas, se é que se podem chamar de religiosas. Os romanos, como vocês sabem, usavam o termo *persona*, que vem de *per-sonare*, como meio, máscara de um ator que procurava encarnar o papel, através de uma representatividade. A pessoa era essa representação do personagem que ele ali apresentava. E num passo já um pouco adiante, e é importante este passo e vale ainda hoje, a pessoa foi considerada *sujeito do direito*, isto, no âmbito do direito romano.



Deixo aqui de lado as grandes discussões sobre a identidade e diferença entre *hypóstasis*, *ousía*, e *physis*, em latim *substantia*, *essentia* e *natura*, termos relacionados, normalmente, ao conceito de pessoa ou de *natureza*, *essência*, *subsistência*. Enfim, não quero entrar nesses problemas, porque isso nos levaria a uma exposição semântica e também de evolução do conceito teológico, o que iria muito longe e não chegaria onde eu quero chegar, o objetivo deste Simpósio: efeitos da Eucaristia na Pessoa humana.

Desenvolvimento

Entrando no âmbito da teologia, falava-se da pessoa quase só no contexto da Trindade e, mais ainda, no da Cristologia. Falava-se, portanto, de Deus, somente. Hoje, ao contrário, da pessoa quase só se fala em âmbito humano, em sentido psicológico ou sociológico. Deu-se uma inversão muito grande. Não há um termo unívoco, para falarmos ao mesmo tempo de Deus e do homem. Não há. Usamos então o recurso conceitual da *analogia*. E a analogia deve ser sempre possível para falarmos tanto do homem como de Deus. No momento em que excluímos a analogia, nós nem sequer podemos falar que o homem é semelhante a Deus, criado “à imagem e semelhança de Deus”, porque a semelhança está numa distância infinita de diferença. É muito mais dessemelhante do que semelhante. Para isso é importante que não esqueçamos a analogia. Eu creio que, para situarmos bem a pessoa e a terminologia de pessoa, é preciso deixar o helenismo, que em fim de contas por muito tempo não chegou a separar a transcendência de Deus suficientemente da imanência, ou seja, o Criador, da criatura. Quando chegamos a fazer a distinção clara, de que Deus cria, por liberdade absoluta, num decreto do seu amor eterno, aí sim caímos fora desses problemas. (Foi o que se deu, só para citar um caso, em meados do século passado, no *affaire* De Lubac, em torno do conceito do Sobrenatural. Quantas discussões ele teve que enfrentar, especialmente, com seus próprios colegas jesuítas entre os quais o nosso professor Pe. Alfaro, da Gregoriana! O fato é que o grande De Lubac chegou a ser tachado de herege, embora nunca o tenha sido. Foi, sim, infeliz nalgumas expressões menos adequadas. Ele as corrigiu em tempo).

Aliás, é imprescindível ter clareza na distinção entre *physis* e *hypóstasis*. *Physis* traduziríamos por natureza e *hypóstasis* por pessoa, no seguinte sentido: apesar de que todas as ações do Verbo Encarnado,



portanto de Jesus, Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, todas as suas ações, sejam teândricas, nós temos que manter esta distinção para sabermos o que se deve atribuir à sua pessoa e o que se deve atribuir a esta ou àquela das duas naturezas. Eu diria, numa linguagem um tanto forte, semânticamente falando, que o Verbo tem em si hipostatizada, hipostasiada, a natureza humana. Na sua hipótese de Verbo Encarnado, Verbo de Deus, ele en-hipostasiou a natureza humana, sem destruí-la e sem confundí-la, harmonizando-a e sublimando-a, como nos fala, especialmente, o III Concílio de Constantinopla (680-681). São acentos necessários.

Santo Agostinho, na sua obra *De Trinitate*, falava muito da pessoa enquanto elemento essencial, dentro da comunhão trinitária: falava de quem ama, de quem é amado e de quem é o amor, sempre em âmbito trinitário. Boécio nos fala da pessoa como “substância individual de natureza racional” e nos serve muito este conceito para falarmos de Deus que é sempre tri-pessoal no relacionamento necessário inter-trinitário. E Santo Tomás teve um trabalho muito grande para aceitar o conceito de Boécio, fazendo acréscimos e distinções tipicamente tomistas e, segundo ele, necessárias e complementares.

Lutero chegou a dizer que “*fides facit personam*”: isto é, a pessoa é constituída pela sua fé. Mas aí se confunde pessoa com personalidade. Concedo a Lutero que, se se transforma a pessoa em personalidade, ou seja, se o que a pessoa tem como potencialidade se tornar personalidade, no chamado, na vocação a ser personalidade cristã, então, chegada essa maturidade, se poderia dizer, realmente, que *fides facit personam*. É claro que Lutero sempre tinha esta angústia, da luta entre o fechamento sobre si mesmo e a abertura para Deus, e achou que a verdadeira solução estava em se chegar a uma fé amadurecida e lógica, que levaria, então, à superação desse drama tremendo do fechamento do homem sobre si mesmo, sobre o imanente, esquecendo o transcendente. Hoje, só para citar os grandes nomes do personalismo, contamos com as reflexões de Martin Buber, Emmanuel Mounier, Maurice Blondel, Paul Ricoeur, Ferdinand Ebner, Max Scheller, a quem eu aprecio muito, porque é da turma, do grupo, da minha mais querida teóloga, depois que fiquei Bispo, a notável Santa Edith Stein. Ela própria escreveu excelentes obras a respeito do tema.

Max Scheller, de fato, penetrou muito profundamente na pessoa e também na personalidade. Eu distingo pessoa e personalidade. Personalidade é a pessoa amadurecida ou educada, quando ela tirou da



sua potencialidade (*e-ducere*) tudo o que ela tem implícito, e chegou à maturidade da explicitação. Tirar para fora, fazer despontar, enfim, levar à maturidade o que Deus pensou para cada ser humano. Isto, vejam bem, falando da pessoa em si mesma. Bastem estes poucos acentos sobre pessoa e personalidade.

Quanto à pessoa humana em si mesma, a sua dignidade decorre de ela ser criatura, “*feita à imagem e semelhança de Deus*” (Gn 1,26), como já lembrei acima. Semelhança, porém, na dessemelhança, como a própria analogia nos obriga a reconhecer. Mas não é uma imagem e semelhança assim como imaginamos, às vezes, meio estática. Não. A imagem e semelhança que nós somos, de Deus, é ativa, é dinâmica, é operante. *Crescei e multiplicai-vos, dominai e cultivai, dominai toda criatura, cultivai o éden* (cf Gn 1,28; 2,15). É o dinamismo por definição. Então, enquanto imagem e semelhança de Deus, somos chamados a fazer esta semelhança e esta imagem impregnar tudo o que tocamos e com quem nos defrontamos, sob pena de torná-la ambígua e colocá-la em dúvida em muitas circunstâncias. Assim acontece com as pessoas que desandaram para o crime, para a violência, para o assassinato: elas embotam a imagem; não chegam a destruí-la mas a embotam, e o trabalho será, depois, recuperar esta imagem, fazê-la aflorar de novo, através de um trabalho enorme de re-educação desde as bases, para que ela volte a ser a linda imagem do Criador. Como imagem de Deus, a pessoa humana é a memória viva de Deus, e evoca sempre a Deus, na liberdade e no amor.

Tudo o que nós temos de liberdade, de bondade, de inteligência, de verdade, de beleza, de emoções, parte exatamente desse poder criativo de Deus que infundiu em nós, criaturas, sua imagem e semelhança divinas. Nós, seres humanos, somos um composto psicossomático, coadunado numa realidade singular que chamamos de indivíduo. Aqui, porém, há que cuidar que não se acentue uma dimensão do psicossomático em detrimento da outra. Se acentuamos demasiado a parte psíquica, espiritual, chegamos a um espiritualismo ou a um psiquismo talvez desencarnado. Pelo contrário, quando damos demasiada atenção e devotamento ao corpo (em grego *sôma*), podemos cair num tremendo materialismo que, aliás, já se caracteriza no próprio pecado original. Olha-se o fruto – estou empregando a linguagem simbólica que o próprio Gênesis apresenta – o fruto é apetecível aos olhos, é bonito, e passamos por cima da ordem divina! O tentador diz: “*Sereis deuses*”... e caímos! Aí se cometeu o primeiro pecado da materialidade absoluta, que foi o desastre maior de que a humanidade foi vítima (cf. Gn 3).



Seria bom tocar agora um ponto teológico, que me é caro pessoalmente, e que muitas vezes os teólogos não acentuam suficientemente. A primeira criatura concebida por Deus *ab aeterno*, foi a natureza humana de Cristo: a criatura primigênia, segundo a qual todas as demais criaturas foram modeladas; é a criatura perfeita, a natureza humana, mesmo ainda não existindo no tempo, pois para Deus, o ontem, o amanhã e o agora não existem ou co-existem. Isto está de acordo com o que escreve São Paulo, no hino cristológico da sua carta aos colossenses (Cl 1,15ss). Sem poder delongar-me, insisto em que a criatura primigênia de que nos fala São Paulo é a natureza humana de Cristo, criatura pensada pela divina Trindade. É bom ter presente que aí está incluída toda a história, que a Encarnação teria depois, no decorrer do tempo, quando essa criatura entrou na história através da colaboração de Maria.

Assim, a pessoa humana é superior a todas as coisas e os seus direitos são universais e invioláveis. Não vale aqui colocar injunções posteriores, porque ela é um valor em si e por si e não depende nem de instituições nem de leis para garantir a sua dignidade, para garanti-la no sentido da linha do que ela é. Jamais pode impor-se à pessoa algo que contradiga à sua natureza, por exemplo, uma lei contra a vida. Isto é, *ipso facto*, nulo. Todo ato feito contra a pessoa, ainda que legislado por qualquer corte que seja, em qualquer âmbito, sendo contra a dignidade da pessoa, *ipso facto* – e eu apelo para os juristas – é nulo. Já falei isso por televisão, já falei em outras áreas: na Europa, na Alemanha, apelando para os juristas para que frisem este ponto: legislar contra a pessoa humana é legislar no vazio da nulidade. É forte isso, eu sei, mas é necessário que se o acentue. É um ponto de partida essencial.

Vejam bem que esta criatura, a pessoa humana, foi destinada a ser filho e filha de Deus. Tem o direito, portanto, como filho e filha de Deus, de se associar a Cristo, de se associar a Cristo que é O Modelo, portanto, do filho e da filha. Associar-se a Ele será sempre o seu direito, seu destino, sua glória. Assimilar-se, assemelhar-se, chegando a uma *ad+similatio*, como logo direi, será o seu objetivo mais forte e mais bonito também. E, como filho e filha, claro, Deus é tão bom, sendo ele a felicidade por antonomásia ou definição, Ele nos associará à sua felicidade “*in aeternum*”.

Aqui é bom corrigir o que às vezes aparece até na liturgia. Perdoem-me. Ouve-se e se lê: Assim Cristo, pela ressurreição, nos mereceu a imortalidade. “Mereceu a imortalidade”, não, porque a



imortalidade nos cabe como pessoa, pelo fato de sermos pessoa. O que Jesus nos mereceu, foi a imortalidade **feliz**, a imortalidade que se associa à eternidade de Deus na felicidade, na sua bondade infinita. Isto é bom ter sempre presente, para não cometermos erros que são, às vezes, sutis e nem tanto se notam. Felicidade que nos cabe enquanto pessoas, enquanto pessoas que foram redimidas, que receberam a vida nova pela graça, e a receberam pela graça perdida e restaurada através da regeneração pela fé.

Outro tema a ser frisado. Por favor, não acentuemos elementos extrínsecos ao que é intrínseco à pessoa. Por exemplo, raça, cor, cultura... Portanto, seria tanto mais pessoa, se fosse de raça pura ariana, cor branca, alta estatura, boa apresentação, sei lá, vida longa... Vida longa: quem diz que precisa ter vida longa e quem diz que não precisa ter? E a vida longa, a longevidade, é extrínseca à pessoa, mas pode ser um belíssimo ornamento da sua maturidade. Por outro lado, alguém que morre jovem e “consumado”, como lembra o livro da Sabedoria (cf Sb 4,13), é “consumado” na linha da sua personalidade, mesmo sendo jovem, e até mesmo criança. Aqui eu lembro um antigo professor, o Pe. Britzen, lá em Taubaté, o qual, diante de cada criança que encontrava, tirava o chapéu e dizia: “Bom dia, meu senhor! Bom dia, minha senhora!” A criança olhava meio espantada... Mas ele falava teologicamente e falava filosoficamente, mas mais teológica do que filosoficamente. “Bom dia, senhor! Bom dia, senhora!” Este é o conceito verdadeiro do valor intrínseco da pessoa humana.

A Pessoa aperfeiçoada pela Eucaristia

Tendo, até aqui, refletido sobre o conceito de pessoa, vou entrar agora no aperfeiçoamento da pessoa pela Eucaristia, que é o que desejamos aprofundar mais neste Congresso. A pessoa é aquela que ama, que é inteligente, que é consciente, e a consciência da pessoa cresce, tanto intelectual como espiritualmente. É bom notar que a nossa consciência não é só de ordem intelectual, ela é também espiritual no sentido mais puro do termo. Nós nos tornamos conscientes também na proporção em que a nossa espiritualidade cresce, como depois se dirá nas outras palestras: crescendo a nossa consciência de comunhão, crescerá a nossa consciência de responsabilidade pela sociedade e assim por diante.

A pessoa, como já se disse, não é *personalidade* desde que nasce. Ela se “educa”, tirando de si mesma as potencialidades, ao andar do



tempo e da vida. Essas potencialidades são feitas aflorar passo a passo, por exemplo a religiosidade: a educação vai fazer-nos religiosos através de práticas atinentes, concernentes, que nos tornem personalidades verdadeiramente religiosas. Como trazemos em nós a sociabilidade, mas não somos sociais, a criança quer tudo para si, só para si, apenas para si. À medida em que é educada, tira para fora a sua sociabilidade e se torna social. Da mesma forma, não somos altruístas. O fato é tão triste que, se não cuidamos, caímos até no narcisismo e achamos que somos o centro de tudo. E Narciso, pobre dele! Às vezes hoje, me parece que certas tendências de formação de personalidade se devam atribuir ao narcisismo, quando a pessoa se acha tão excelente que se basta a si mesma e se fecha no seu pequeno mundo, vai à beira de um lago, se abraça consigo mesmo, se encanta: “Narciso, como és bonito! Tu és o único, tu és o único que merece o abraço, o meu abraço!” Abraça-se com sua própria “excelência” e morre afogado... Quantos afogados não temos hoje!... por causa do egocentrismo.

Também somos um poço insondável de sentimentos. O que nos faz ser simpáticos é a beleza de sentimentos, não o sentimentalismo. Sentimentos. Deus tem sentimentos. Sentimentos infinitamente, incomensuravelmente mais nobres e bem mais aprimorados do que os nossos. E na proporção em que nossos sentimentos se manifestam em emoções, nessa proporção também nós podemos chegar a maturar melhor a nossa pessoa e a nossa personalidade, aliás, *personalidade é a maturação da pessoa*, como pensamos e afirmamos.

Mas enfim, como a nossa pessoa se aperfeiçoa na Eucaristia? Eu falo com tanto amor esta parte e com tanta alegria, porque lecionei durante anos e anos o tratado teológico sobre a Eucaristia e, ao final de tudo, sempre parecia que eu tinha de começar tudo de novo. Aliás, vai ser hoje também assim. Vejam bem, eu disse que a primeira criatura concebida foi a natureza humana de Cristo. Essa natureza humana, ela veio na “plenitude dos tempos”, se encarnou, se tornou para nós, portanto, referência de semelhança. Quanto mais a pessoa chega a se assemelhar a essa natureza de Cristo, que *en+hipostatizou* essa natureza na sua pessoa, quanto mais nos tornarmos parecidos com Ele, tanto mais nos tornaremos perfeitos, ou seja, mais perfeitos. Ora, na Eucaristia nós temos uma *assimilação*. Nós assimilamos Cristo, até fisicamente falando. Não sei se o termo é bom, mas a comida entra a fazer parte da nossa constituição física, e até fisiológica, anatômica, e a elevamos a um nível superior. Assimilamos Cristo e nos assemelhamos desta forma a Ele,



cada vez mais, ao ponto de que, se chegarmos, no término de nossa vida, a poder dizer, como São Paulo, *já não sou eu que vivo mas é Cristo que vive em mim* (Gl 2,20), então teremos atingido o ideal maior possível de nossa vida terrena: os pórticos da eternidade feliz estarão escancarados.

Nós somos, pela Eucaristia, o próprio Cristo, que vive em nós. Aí está a *ad+ similatio*: a assimilação se tornou uma como que identidade, configurada ou figurada, e o Pai olha para nós, olha para mim e me diz: “Querido filho, entra a fazer posse do lugar que te estava preparado desde antes que o mundo fosse feito!” Cristo, encarnando-se, traz a nós a caridade de uma maneira como isso é possível nesse mundo. Nós não chegamos, talvez, nem às imediações do ideal da caridade, que Ele trouxe. Reprisando um pensamento do Papa Bento XVI, na Eucaristia nós temos a caridade-sacramento, sacramento que é caridade, uma caridade operativa, imaginosa. A propósito, o Papa falecido, o pranteado João Paulo II, falava da “fantasia da caridade”. Isto porque, aquele que se achega à Eucaristia, se achega de tal forma que o silêncio fala mais do que tudo, e aí a fantasia da caridade deve entrar em jogo, para sabermos como temos que mostrar, a este mundo hostil, o que é caridade, e ali fazer chegar as marcas, o acento da caridade, em todas as áreas onde pudermos penetrar. Ora, a plenitude da lei, a plenitude de toda a ação, no meu entender, é realmente a ação caritativa. Aqui, é melhor calar do que falar muito. Só sente isso, quem vive a caridade junto com Cristo, dessa caridade feita sacramento. Os Santos e Santas são nosso exemplo mais forte, também nisso.

Outro ponto: nós somos **peregrinos**. *Não temos aqui cidade permanente*, diz a carta aos Hebreus, *mas buscamos a que há de vir* (Hb 13,14). Entretanto, o peregrino é um saudoso, o peregrino é um itinerante, *homo viator*, como dizia Gabriel Marcel. *Homo viator*, homem peregrinante, e nessa peregrinação nós nos cansamos, chegamos a desanimar, por vezes, como é o caso dos discípulos de Emaús. Esses dois, na bela página de São Lucas, são realmente figuras modelares para a vida cristã. Vejam o que aconteceu com Elias, o grande Elias, no episódio narrado no primeiro livro dos Reis, capítulo 19: ele desanimou, depois do que aconteceu lá com os profetas da rainha Jezabel, os profetas de Baal. Perseguido e fugitivo, ele disse, com estas ou semelhantes palavras: “Esta vida é uma miséria, é melhor acabar por aqui mesmo!” E dormiu de desânimo!... Eis, porém, que lhe aparece um mensageiro. Ele tinha ainda na mente aquelas figuras sangrentas, como nós ficamos



horrorizados diante dos crimes que se cometem, seja nacional, seja internacional ou localmente... e disse: “Basta! Vamos embora deste mundo!” É então que o anjo aparece e coloca à sua cabeceira pães assados, bem fresquinhos, e água bem fresquinha também, e lhe diz: “Acorda, Elias, porque muito caminho te resta a fazer!” (cf 1Rs 19,7). Ele acorda, come os pães, toma a água e desfalece de novo. Mais uma vez o mensageiro aparece, traz pão, traz água e repete as mesmas palavras. Aí sim, ele se alimenta, se desaltera, e então caminha, deserto adentro, até o encontro com o Senhor, no monte Horeb. Lá o esperava uma nova missão, que ele assume, agora, reconfortado pelo alimento divino. E vai até o final.

É claro, os discípulos de Emaús reconheceram o Cristo, mas não o reconheceram no caminho, e não o reconheceram nem no ardor que sentiram quando Ele explicava as Sagradas Escrituras... É um ponto em que insisto: acredito que não consigamos chegar, de fato, àquilo que Deus quer, no ardor que tenhamos por Ele, nos ideais do Evangelho que devemos viver, não conseguimos chegar a isso a não ser através da *fractio panis*, da “fracção do pão”, como diziam os primeiros, os primigênios das primitivas comunidades cristãs. De fato, foi isso que aconteceu com os discípulos de Emaús, que *o reconheceram ao partir do pão* (Lc 24,35).

E mais, vocês sabem, minha gente, meus queridos amigos, amigos da Eucaristia, nós temos sede do Infinito. Analisem-se bem! Nada nos satisfaz! Nada, nada! Mesmo os teólogos como Hans Urs Von Balthazar, o qual conseguiu fazer uma simbiose intelectual, espiritual, entre teologia e poesia e beleza, também eles experimentam o que, na expressão dele, é “uma dolorosa saudade da eternidade”. E quando ele escreveu *Herz der Welt*, o Coração do Mundo, assim ele termina: “Ó coração, coração de meu Senhor, quando tu serás tudo para mim e desapareça tudo e eu veja só mais o teu coração como a síntese do que há de mais genuíno daquilo que eu busco... terei chegado ao ápice do meu nível de viver!”

Nós sentimos o drama da sede do Infinito, o anseio pela nossa transformação. Sendo cristificados, transformados pelo Cristo, estaremos unidos a Deus e poderemos, igualmente, ser trampolins para Deus, aquietando as “lágrimas das coisas”, das criaturas. Essa idéia é muito bem exposta por São Paulo, e nem poderia ser outro, na carta aos Romanos (Rm 8, 28ss). É claro que essa sede do Infinito atinge todas as criaturas e elas, como que “em dores de parto”, aguardam esse dia e essa hora. Através do homem cristificado, são contagiadas pelos eflúvios da redenção.



A Eucaristia. Sacramento da presença real do Senhor, ela é sempre a perpetuação do sacrifício da cruz, ainda que de forma mística ou inexprimível. Aliás, como ainda São Paulo nos lembra, *nós completamos o que falta às tribulações ou à paixão do Senhor* (Cl 1,24). E vocês sabem que, quanto mais estivermos unidos e transformados, conseqüentemente, pelo Cristo, na Eucaristia, as nossas tribulações diárias, os nossos sofrimentos, “completam o que falta à sua paixão”, isto é, a subjetivação da objetiva redenção já realizada é assumida por todos nós. Fazemos, então, a grande comunhão com o Crucificado. Porque o drama, podemos chamá-lo assim, do seu sacrifício, ainda que de forma incruenta e não dolorosa para Ele, vai ter que passar pelo nosso sofrimento até atingirmos, também nós, o estágio de não sofreremos mais. Isto, porque o Senhor transforma os nossos sofrimentos em alegrias, como foi o caso de Santa Teresinha, só para citar um exemplo.

Chego ao final da minha exposição. Santo Agostinho nos diz que a Eucaristia não é compreensível se não for dentro da própria comunhão, comunhão no sentido dessa global união, *comum + união* realmente entre todos os que dela participam, comunhão que contagia a sociedade. É um sonho? Não, é uma exigência. Ou será a nossa redenção, a nossa realização como pessoa, que tem como conseqüência a comunhão, ou será a nossa ruína se não o fizermos. A primeira carta aos coríntios (1 Cor 11,17-34) nos dá exatamente o texto primigênio da Eucaristia, e lá São Paulo acentua fortemente este ponto da união.

Enquanto você não entender que o outro o integra e que você é integrado por ele, e que você tem a obrigação de integrá-lo ou de inteirá-lo, você não entendeu nada de você mesmo, não entendeu nada da razão por que você existe. E isto, em termos eucarísticos, é muito forte. Se você não viver a comunhão, se torna *réu do Corpo do Senhor*, como advertiu São Paulo na passagem citada.

Termino. Nós não chegamos, ainda, à escatologia, mas já celebramos o **banquete escatológico**, as núpcias do Cordeiro. Não sei se aqui preciso subir até à mística, certamente não ao misticismo, mas o banquete escatológico nos está franqueado todos os dias. Aquele silêncio de Cristo na Eucaristia nos interpela. Será que não é o silêncio eterno que nos chama? Será que não é melhor interpretar aquilo que São Paulo diz verbalmente: *Quando celebrardes a Eucaristia, toda vez, anunciareis a morte do Senhor até que venha* (1Cor 11,26)? Eu traduziria desta forma: “Quando vos reunirdes para celebrar a Eucaristia, por favor, sintam um pouco de saudades de mim, sintam um pouco de saudades de mim!”



Termino com uma imagem que sintonizaria com Hans Urs Von Balthazar: Dois beijos eu dou com muita reverência. Beijo o altar, onde vou celebrar o sacrifício do Senhor. Parece um gesto um tanto incompreensível, e no entanto eu beijo o altar porque ele me recorda aquela mesa onde Cristo realizou o maior milagre de amor no mundo, milagre que nós sonhamos para toda a humanidade. Eu o beijo com reverência. E eu adoro, faço *ad + oratio*, adoração é o beijo mais íntimo que existe, *ad + oratio*. Eu *adoro*, isto significa, eu dou um beijo mais íntimo que possível enquanto desejo recebê-lo, porque ali está apenas sob uma forma enganosa, de um alimento que é de outra vertente, que é de vertente eterna. Para que eu possa realmente dizer ao Senhor: “Agora que eu te vejo exposto, tão pequenino, faze que a tua infinitude me engolfe plenamente na realidade do que ainda não sou, para chegar à plenitude de que fruirei, quando “*Deus será tudo em todos*” (1Cor 15,28).

Algumas Referências Bibliográficas

BERTI, E. *Persona e personalismo: aspetti filosofici e teologici*. Gregoriana, Padova, 1992.

_____. Individuo e Persona: la concezione classica, in “*Studium*” 91 (1995) 515-527.

BUBER, M. *Il problema dell'uomo*. Patron, Bologna, 1972.

GONZÁLEZ DE CARDEDAD, O. *La entraña del Cristianismo*. Salamanca, 1997.

MARCEL, G. *L'uomo contro l'umano*. Volpe, Roma, 1963.

_____. *L'uomo problematico*. Borla, Torino, 1964.

MARION, J.L. *Dieu sans l'être*. Paris, 1982.

O'CALLAGHAN, P. La persona umana tra filosofia e teologia, in “*Annales Theologici*”.

RATZINGER, J. *Das Fest des Glaubens*. Einsiedeln, 1981.

RICOEUR, P. *La Persona*, trad. Ilario Bertolotti. Morcelliana, Brescia, 1997.

SCHELLER, M. Der Formalismus in der Ethik und die materiale Wertethik, in “*Gesammelte Werke*”, A. Francke, Bern, 1954.

SPAEMANN, R. *Glück und Wohlwollen*. Ernst Klett, Stuttgart, 1989.



STEIN, E. Die Aufbau der menschlichen person (1932-33), in “*Edith Stein Werke*”, vol.XVI, Herder, Freiburg, 1994.

TAYLOR, Ch. *Sources of the Self. The Making of the Modern Identity*. Harvard Univ. Press, Cambridge, 1989.

VON BALTHASAR, H.U. On the Concept of Person, in “*Communio*” 13 (1986) 18-26.

WOJTYLA, K. *The Acting Person*. Redel, Dordrecht, 1980.

_____. *Amore e responsabilità*. Marietti, Genova, 1983.

ZIZIOULAS, J. D. *Being as Communion*. New York, 1989.

Endereço do Autor:

Rua Benjamin Constant, 23 – 6º andar

20241-150 Rio de Janeiro, RJ